

Homenagem a Renato Ferraz e à sua Luta pela Dignidade do Povo do Arraial de Belo Monte e da Canudos de Hoje

Angela Gutiérrez

Profª Drª do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará.

Para Margarida, Lúcia, Jilce, Lulu e Aniela

RESUMO

A vida de Renato Ferraz, a partir de seu encontro com mestre Calasans, imbrica-se em tecido inconsútil com o tema apaixonante e, quase sempre, excludente, de Canudos. Suas atividades, na luta pelo resgate do outro lado da história do arraial de Belo Monte, em tempos de paz e de guerra, e da dignidade dos habitantes da Canudos de hoje, exerceram-se através de diferentes modos: como discípulo e parceiro do Prof. José Calasans; como pesquisador e professor da UNEB; como voluntário em trabalhos culturais e sociais junto à comunidade de Canudos; como guia de Mario Vargas Llosa nos sertões baianos do Conselheiro; como curador das exposições da coleção Canudos rediviva, do artista plástico Trípoli Gaudenzi; como assessor especial da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado da Bahia para assuntos relacionados ao centenário, em 1997.

Abstract

Renato Ferraz's life, from his meeting with the master Calasans, closes itself up in 'locked tissue' – a tissue without seam - with the passionate subject, almost always restricted to Canudos. In the fight for recovering the other side of Belo Monte small village's history, in times of peace and war, and the dignity of Canudos's inhabitants now, the author's activities took happened in different ways: professor José Calasans as a disciple and partner; as a UNEB researcher and professor.; as a volunteer in cultural

and social works in Canudos's community; as Mário Vargas Llosa's guide in the "Conselheiro"'s bahian arid region – "Sertões"-; as the caretaker of "Canudos Rediviva's" collection exhibitions, and caretaker of the artist Trípoli Gaudenzi; as a special advisor to the "Secretaria de Cultura e Desporto do Estado da Bahia", for subjects related to the centennial, in 1997.

2002
sertões, l
utopia d
canuden
do tema
A vi
tecido ir
Suas ativ
em temp
exercera
Calasan
culturais
nos sertó
rediviva
Cultura
1997, de
do Cons
O e:
que, inf
porém, s
de pesq
numero
na instig
em cada
mestre c
quem m
in loco
parceiro
versão c
Projeto
pesquis
UNEB
1991, q
na capa
através

de in the
Canudos
nzi; as a
hia”, for

2002, o Brasil reverencia o centenário da obra maior de Euclides da Cunha, Os sertões, livro que perpetua a história de Belo Monte: nascimento, paixão e morte da utopia de Antônio Conselheiro e de seus seguidores. 2002, estudiosos de Canudos e canudenses perdem o historiador Renato Ferraz, respeitado pesquisador e divulgador do tema canudiano e incansável lutador pela dignidade dos atuais habitantes de Canudos.

A vida de Renato, a partir de seu encontro com mestre Calasans, imbrica-se em tecido inconsútil com o tema apaixonante e, quase sempre, excludente, de Canudos. Suas atividades, na luta pelo resgate do outro lado da história do arraial de Belo Monte, em tempos de paz e de guerra, e da dignidade dos habitantes da Canudos de hoje, exerceram-se através de diferentes modos: como discípulo e parceiro do Prof. José Calasans; como pesquisador e professor da UNEB; como voluntário em trabalhos culturais e sociais junto à comunidade de Canudos; como guia de Mario Vargas Llosa nos sertões baianos do Conselheiro; como curador das exposições da coleção Canudos rediviva, do artista plástico Trípoli Gaudenzi; como assessor especial da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado da Bahia para assuntos relacionados ao centenário, em 1997, do final da guerra de Canudos, da destruição do arraial de Belo Monte e da morte do Conselheiro.

O exame detalhado de cada um desses itens exigiria, certamente, extenso relatório que, infelizmente, não cabe no espaço necessariamente exíguo de uma revista. Ouso, porém, sugerir que a UNEB, universidade em que Renato atuou, resgate este rico cabedal de pesquisas e serviços a que o historiador baiano doou-se, de corpo e alma, durante numerosos anos de sua vida. Realizando, neste momento, “o historicamente possível”, na instigante expressão de Paulo Freire, relato, sucintamente, algumas de suas atividades em cada um dos itens que mencionei: como herdeiro intelectual de Calasans, o grande mestre de todos os que se dedicam aos estudos canudianos, com quem estudou e com quem manteve afetuosa relação de amizade, Renato iniciou suas pesquisas canudianas in loco e acendeu a chama da paixão que a grande tragédia do sertão inspira; além de parceiro de Calasans na busca da outra história de Canudos, até então a pouco conhecida versão dos vencidos, como pesquisador e professor da UNEB, Renato integrou-se ao Projeto Canudos do Centro de Estudos Euclides da Cunha. Juntamente com os pesquisadores Manoel Antônio dos Santos Neto e José Carlos da Costa e com apoio da UNEB e da Prefeitura de Canudos, publicou a Cartilha Histórica de Canudos, em 1991, que, simbolicamente, através da chave de uma das igrejas de Canudos reproduzida na capa, abre aos estudantes canudenses a possibilidade de conhecer sua própria história; através de diferentes ações, junto a várias instâncias do poder executivo e do poder

legislativo, Renato buscou melhorias para a comunidade de Canudos e lutou pela dignidade dos atuais canudenses, colaborando na promoção de atividades culturais e sociais; em 1979, a pedido do Prof. Calasans, Renato acompanhou o escritor peruano Mario Vargas Llosa como guia nas trilhas do sertão de Canudos, durante quase dois meses, propiciando ao romancista não só esmiuçado conhecimento do espaço geográfico da região e detalhamento de acontecimentos históricos do período e de estratégias militares da guerra, como informações de modos de vida dos habitantes e acesso à memória sertaneja dos acontecimentos do final do século XIX através de testemunhas vivas, sobreviventes da guerra, e de seus descendentes; como curador da coleção Canudos rediviva (título, aliás, segundo depoimento do próprio artista, sugerido por Renato), função a que sua experiência como assistente de Lina Bo Bardi e, posteriormente, como diretor do Museu de Arte o credenciava, além de cuidar de sua apresentação no berço de inspiração, Canudos, e no berço de criação, Salvador, acompanhou-a na mesma sina nômade dos nordestinos, e com ela e o autor Trípoli Gaudenzi, atravessou ares e mares, viajando por terras da Alemanha (Colônia e Berlim), da França (Paris), de Cuba (Havana) e, em terras baianas, visitou Joazeiro e Senhor do Bonfim, em terras brasileiras, visitou as cidades de São Paulo, São José do Rio Pardo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Quixeramobim, Sobral, Aracaju, Manaus, Brasília, expondo as dolorosamente belas imagens de uma “página infeliz da nossa história”, como diria Chico Buarque de Holanda; como assessor para as lembranças (termo que preferia ao de comemorações, em que percebia conotação de festejos e, por esta razão, considerava inadequado às trágicas recordações do assunto) do centenário do episódio de Canudos, Renato revelou suas qualidades acadêmicas ao participar do planejamento dos simpósios conjugados de Colônia- Fortaleza- Salvador.

Permito-me, agora, uma referência pessoal com relação a Renato: desde 1979, já o conhecia de nome, através de menções da imprensa à sua colaboração com Vargas Llosa na descoberta pelo escritor peruano do sertão baiano. Posteriormente, em 1981, outra vez encontrei o nome de Renato citado na imprensa pelo próprio escritor, em entrevistas a jornais e revistas, durante sua vinda ao Brasil, para o retumbante lançamento, em versão brasileira, do romance *La guerra del fin del mundo* que reconta ficcionalmente a saga de Canudos. Anos depois, em 1994, através de comentários do romancista peruano, quando o conheci em outra vinda sua ao Brasil, mais uma vez o nome do historiador baiano me foi mencionado, desta vez com o entusiasmo de amigo grato.

Final
ano segu
literários
como tra
a mim e
nossa ins
caminho,
contava
suas and
autorizav
Nas
nascimen
simpósio
um deles
Mario Va
contador
Com gra
que seus
meninos
“Menino

Finalmente, ao visitar a exposição Canudos rediviva, em sua visita a Fortaleza no ano seguinte, conheci pessoalmente o historiador a quem tantos interesses culturais e literários comuns já me ligavam. Desde então, pude comprovar a generosidade de Renato como traço essencial de sua personalidade. Sou-lhe especialmente grata porque guiou a mim e a meu marido nos sertões áridos que o peregrino percorrera. Atendendo à nossa insaciável curiosidade, Renato nos apresentava o nome de cada plantinha do caminho, mostrava-nos o local de cada batalha, indicava-nos a mais recôndita trincheira, contava acontecimentos que não estavam no livro nem em outras publicações e que suas andanças pelo sertão de Canudos e suas longas conversas com o povo da terra o autorizavam a saber.

Nas inúmeras ocasiões em que meu marido, o médico Oswaldo Gutiérrez, de nascimento peruano, e eu estivemos com Renato, quase sempre em seminários, simpósios e congressos sobre o tema de Canudos, alguns no exterior, outros no Brasil, um deles no Rio de Janeiro, na Academia Brasileira de Letras, com a presença de Mario Vargas Llosa, sempre admiramos este outro traço da personalidade de Renato - o contador das histórias que constroem a história -, que deve ser especialmente recordado. Com graça e verve, Renato sabia dar vida aos acontecimentos passados, de tal forma que seus ouvintes, entre os quais me incluo, ouviam-no encantados como, um dia, os meninos da tribo Timbira ouviram o velho guerreiro contar as façanhas do moço Tupi. “Meninos, eu vi”.